

CARDOSO PIRES, BIÓGRAFO

5 Cardoso Pires ensaia na sua obra pela primeira vez, ao que sabemos, uma biografia romanceada: **Dinossauro Excelentíssimo** (Arcádia). Cremos, todavia, que a sensação do desconforto intelectual que uma primeira leitura deste livro nos transmite se insinua muito subtilmente da própria personalidade do biografado e da manifesta intenção de Cardoso Pires em se cingir às ocorrências que assinalaram o apogeu e a decadência de controversa figura política desaparecida. O fulgurante poder de síntese, ímpar na literatura portuguesa, que fez de Cardoso Pires um mestre na rápida caracterização de tipos humanos e de ambientes não tem oportunidade de se patentear aqui em toda a sua riqueza, pois que veio chocar-se esse rútilo jogo de frases-cutelo, na sua agreste brevidade carregadas de significação, com as resistências de um assunto que mesmo simbolicamente trabalhado resente a lentidão, os vícios solitários, o ascetismo militante, da personagem que o gerou. Quer isto dizer que nem sempre Cardoso Pires consegue esse fluir permanente da ironia capaz de eliminar da sua narrativa alguns dos pontos mortos que a própria natureza do tema obriga a que existam. Recordemos as palavras do autor, no fecho do livro, endereçadas à Ritinha: «...fiquemo-nos por aqui, que o conto agora vai longo e repetido. Fecha o livro. Arruma-o em qualquer parte e manda passear os fantasmas. Fartámo-nos de falar de mortos, de velhos, de mistérios, quando afinal temos tanto para viver. Não é?»

Por aqui se depreende quanto no cumprimento desta biografia o «espírito de missão» sobrelevou as apetências da inspiração pura, reconhecida, como é, a arte de Cardoso Pires em recriar o quotidiano e, sobretudo, em lhe desvendar ou introduzir o movimento dialéctico da realidade social. Tudo parece indicar que o criador ilustre de **Jogos de Azar** tinha de escrever este livro, custasse o que custasse. Era uma questão pessoal, uma querela consigo mesmo. Só que, pela primeira vez também, o ficcionista-biógrafo se defrontava com uma personagem que não amava, com um tipo de problemas que teria forçosamente de abordar do exterior. E a obra saiu limpa e segura, como sempre, áspera e sibilina, como se justificava que fosse, mas revelando à transparência um que outro afrouxamento no traço caricatural e no manejo do gume crítico, mau grado as soluções simbólicas estatuídas de um largo conhecimento das relações entre os homens se afirmarem cabalmente eficazes na jornada do mito até às fronteiras do antimito.

De facto, mais longe ainda do que **O Reino Circular**, de Mário Braga, **Dinossauro Excelentíssimo** leva a desmitificação de uma figura histórica até aos limites precisos em que a própria história se interroga sobre se há-de alimentar-se da ingenuidade e da crença das criaturas de Deus, num prolongamento cada vez mais inactual de si mesma, ou se há-de renovar-se na pesquisa e na construção de outros mitos a partir de diferentes sugestões da realidade viva. Antes, porém, de se chegar a esse preliminar da viragem, tenta Cardoso Pires um (bem sucedido) exame da decomposição do mito, avolumado pelo divórcio com a vida, mas diminuído pelo cansaço do tempo, principal artífice das santificações políticas e também seu inexorável carrasco.

Cumpré, enfim, dizer, que **Dinossauro Excelentíssimo** não despertou em nós o interesse das obras-primas de Cardoso Pires, nomeadamente **O Delfim** — um grande romance em qualquer parte, — mas que «assiste» com exemplar atenção ao engelamento de um mito bem lusíada, isto é, à transformação deste em mais uma lenda sebastianista que riso-nhamente sobrevive no provincianismo mental português.